

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA COM CURRAIS DE PEIXES DA COSTA DE PERNAMBUCO – BRASIL

CHARACTERIZATION OF FISHING WITH FISH WEIRS IN COAST OF PERNAMBUCO – BRAZIL

Felipe Pessoa de Lucena^{1*}; Enilson Cabral²; Vanildo Souza de Oliveira¹; Thales Ramon de Queiroz Bezerra¹

¹ Departamento de Pesca e Aquicultura – UFRPE

² Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste - CEPENE

*e-mail: felipelucena95@yahoo.com.br

Citação: LUCENA, F. P., CABRAL, E., OLIVEIRA, V. S., & BEZERRA, T. R. Q. (2026). Caracterização da pesca com currais de peixes da costa de Pernambuco – Brasil. Revista Brasileira de Engenharia de Pesca, 17(1), 01–11.
<https://doi.org/10.18817/repesca.v17i1.275>

Recebido: 10 March 2010

Revisado: 22 October 2025

Aceito: 29 December 2025

Publicado: 3 January 2026



Copyright: © 2026 by the authors. This article is an open access article distributed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

Resumo

Os currais são armadilhas fixadas no solo, constituídas de varas de madeira, telas de nylon, redes e cabos de amarração, construídos em regiões de mar tranqüilo, baixa declividade. De uma forma geral são aparelhos que utilizam o princípio do não retorno. O objetivo do trabalho foi caracterizar a pesca com currais na costa de Pernambuco. Os componentes de um curral são; mourões, varas, cinta e telas ou redes com tamanhos das aberturas das com variação entre; 30 mm a 80 mm (nó a nó). Os currais analisados são divididos em; espira, sala, chiqueiro, chiqueiro de matar. Foram registrados dois formatos de curral; o “coração” e o “furtado”. As madeiras mais utilizadas são; de mangue (*Rhizophora mangle*) e imbiriba (*Eschweiera ovata*). Os pescadores fazem a despescada, manutenção e construção na maré baixa. A temporada de pesca corresponde aos meses de setembro até maio. As maiores dificuldades da atividade é a disponibilidade da madeira e furto da produção.

Palavras-chaves: Petrecho de pesca, pesca artesanal, Armadilha fixa.

Abstract

The fish weirs are set traps in the ground, made of sticks of wood, screens of nylon net, and mooring cables, built in regions of calm sea, low slope. In general it's a devices using the principle of no return. The objective of this research was the characterization of fishing sheds on the coast of Pernambuco. The components of the fish weirs are; vine stake, sticks, tape and screens or nets with mesh sizes of the openings vary from; 30mm to 80mm (node to node). The



weirs are divided into analysis, espia, hall, pigpen and pigpen to kill. Were recorded in two formats of the weirs, the "heart" and "stolen." The wood is used more, the mangrove (*Rhizophora mangle*) and Imbiriba (*Eschweira ovata*). The fishermen make a ensnare, maintenance and construction at down tide. The fishing season is the months of September to May. The difficulties of this activity are the availability of timber and the robbery of the production.

Keywords: Equipment of fish, artisanal fishing, Trap set.



Introdução

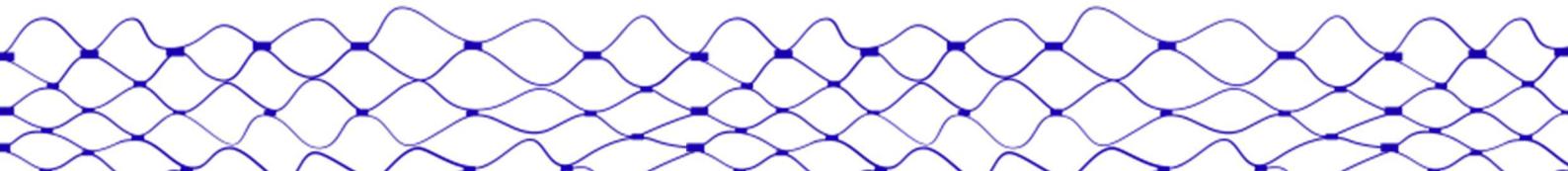
A pesca artesanal é caracterizada principalmente pela mão de obra familiar com embarcações de pequeno porte, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, apresentando ainda limitação com a autonomia das embarcações e aparelhagem rudimentares. A captura de espécies pela pesca artesanal é feita através de técnicas com reduzido rendimento relativo e sua produção é total ou parcialmente destinada ao mercado regional (Diegues, 1989).

O litoral de Pernambuco apresenta cerca de 187 km de extensão, localizado no nordeste do Brasil entre as latitudes $7^{\circ}32'47"S$ e $8^{\circ}54'47"S$. Apresenta plataforma continental estreita com ocorrência freqüente, na sua parte interna, de recifes de arenito dispostos em linhas paralelas à costa. Constituindo um ambiente protegido com profundidade inferior a 5 m (Isaac, et al., 2006). No litoral do Estado, existem 14 zonas estuarinas, onde se caracterizam pela presença de manguezais (Braga, 2000). Com uma população litorânea de 41% do total do Estado (Ramalho, 2006), Pernambuco é o quinto produtor de pescado da região Nordeste, responsável por 8,3%, na qual 97,7% é proveniente da pesca artesanal (IBAMA, 2002). Com um plantel de 25.000 trabalhadores diretamente ligados a este setor (GAP, 1998).

Ao longo da costa de Pernambuco existem 15 municípios litorâneos, onde estão distribuídas em 34 comunidades pesqueiras (IBAMA, 2001). Pescadores artesanais do Estado vivem em situações socioeconômicas precárias, em razão de vários fatores, podendo ser destacado a baixa escolaridade, representada por dados que sinalizam que 90% da população apresenta menos de quatro anos de estudo. Problemas de infraestruturas, como no caso do armazenamento do pescado; dificuldade de acesso a linhas de financiamento; e um programa de extensão rural, representado por uma comissão de técnicos em pesca, tecnologia de beneficiamento, associativismo e cooperativismo, entre outros (Isaac et al., 2006).

A pesca utilizando currais foi iniciada em 1694, época em que três militares portugueses construíram os primeiros labirintos para aprisionar peixes na praia de Pau Amarelo, litoral norte da então capitania de Pernambuco (Silva, 2001). Os currais são armadilhas fixadas em solo marinho, constituídas de varas de madeira, telas de nylon, redes e cabos de amarração, construídos em regiões de mar tranqüilo, baixa declividade. Os currais de pesca de uma forma geral são aparelhos que utilizam o princípio do não retorno. Este apetrecho de pesca é constituído pelas seguintes partes; espias, sala, chiqueiro e chiqueiro de matar, podendo sofrer pequenas mudanças nessas denominações dependendo da região. Cada repartição apresenta uma entrada que induz os peixes a entrarem cada vez mais para o interior da armadilha, onde são capturados posteriormente. Esta modalidade de pesca é responsável por 3,4 % da produtividade pesqueira no Estado de Pernambuco (IBAMA, 1993 – 2007).

O acompanhamento da produção dos currais é um importante fornecedor de dados para a biologia pesqueira (Filho, 2001) afirma que a captura por unidade de



esforço dos currais reflete a abundância verdadeira de cada espécie que habita a zona costeira, considerando-se que os currais de pesca não oferecem nenhuma atração artificial (iscas, por exemplo) que determine a ocorrência de probabilidades de capturas diferentes para as diversas espécies. Por outro lado, a produção total deve ser considerada como o parâmetro que melhor define as épocas de safra das espécies capturadas ao longo da temporada de pesca.

O presente estudo tem como objetivo principal a realização da caracterização da pesca com currais de pesca no estado de Pernambuco, disponibilizando dados que contribuam para uma gestão mais eficiente dessa modalidade de pesca.

Material e Métodos

O presente trabalho foi resultado de visitas técnicas em todos os municípios do litoral pernambucano, exceto Fernando de Noronha, entre os meses de setembro de 2008 até junho de 2009, com objetivo de reunir os proprietários, para obter dados sobre os pescadores e suas faias de pesca, assim como informações técnicas sobre a construção e manutenção dos currais.

No deslocamento da praia até os currais utilizou-se as embarcações dos pescadores, aproveitando o horário da despresa. Foram obtidos dados técnicos relacionados com a construção, manutenção, temporada de pesca, manejo da despresa, qualificação das madeiras utilizadas, tipo de fundo, dimensões e formatos dos currais. As dimensões das partes dos currais e os tamanhos das malhas (nó a nó) foram medidas com paquímetro e trena métrica.

Resultados e Discussão

Características dos Componentes dos Currais

Cada componente utilizado na construção de um curral apresenta nome e funções específicas (figura 1). Os mourões (A) são troncos fortes de madeira que possuem em média 4 a 6 metros de altura, essas estacas têm a função de fixar e estabilizar o curral ao fundo. As varas (B) são madeiras esguias de 3 a 7 metros onde são conectadas aos mourões que exercem função de armar as telas até a altura de 50 cm maior em relação à maré mais alta. A cinta (C) é constituída de varas postas transversalmente em dois ou três seguimentos em toda a extensão do curral onde proporciona maior consistência ao aparelho. Atualmente os pescadores na costa de Pernambuco optam em utilizar telas de poliamida, polietileno ou redes de pesca (D) para conter os peixes no interior da armadilha, onde diminui o custo e facilita a manutenção. Os tamanhos das aberturas das malhas variaram entre 30 mm a 80 mm (nó a nó).



Figura 1. Lado externo da parede de um curral da costa de Pernambuco e seus componentes: (A) mourões, (B) varas, (C) cinta, (D) tela.

As camarras são mourões postos do lado externo do curral com cabos de sustentação a fim de reforçar as paredes do curral, que por ventura, ficam mais expostas às ondas e a correnteza. Essa sustentação suplementar é encontrada apenas em currais localizados onde as condições naturais ameaçam as estruturas da armadilha (figura 2).



Figura 2. As camarras (destaque) são dispositivos que dão sustentação adicional às paredes dos currais de pesca do Estado de Pernambuco.

Divisões dos Currais

O presente estudo catalogou dois tipos de formatos de currais de pesca na costa Pernambucana, O tipo “coração” e o tipo “furtado” (figura 3). Os dois tipos de formatos são divididos em repartições edificadas pelos mourões, no qual são fixados ao solo. Estes são revestidos com varas, redes ou telas formando um cercado onde os peixes são aprisionados em seu interior. Cada repartição de um curral efetua funções específicas. A espiã (A) é uma espécie de esteira vertical onde norteia os peixes para o interior da sala. A sala (B) é a primeira fase onde o princípio do não retorno começa efetivamente a incidir sobre o pescado. O segundo compartimento é o chiqueiro (C), de menor área em relação à sala, facilitando assim, a despresa e dificultando ainda mais a saída do pescado. Em seguida, o pescado de menor porte é induzido ao terceiro compartimento nomeado de chiqueiro de matar (D), que segue a mesma finalidade do chiqueiro em relação à sala (tabela 1).

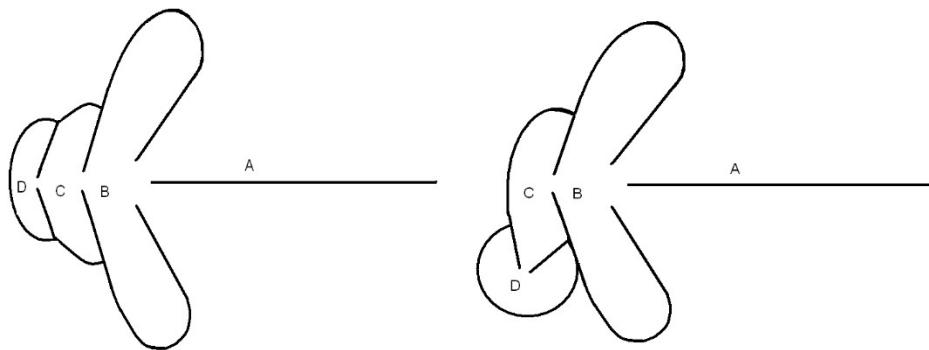
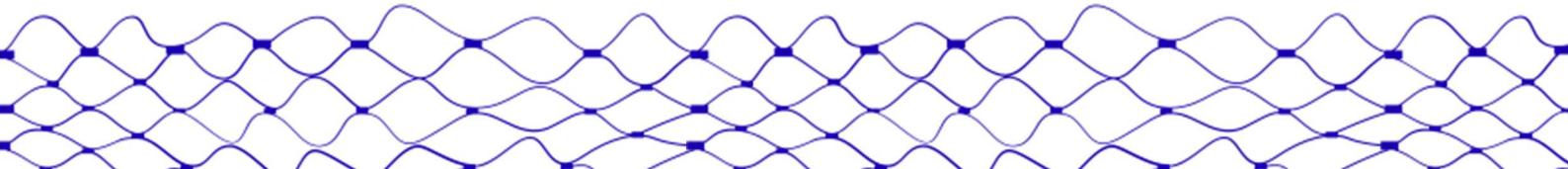


Figura 3. Esboço gráfico de um curral do tipo coração (esquerda) e tipo furtado (direita). São os dois formatos de currais registrado na costa de Pernambuco e suas repartições: (A) espiã, (B) sala, (C) chiqueiro, (D) chiqueiro de matar.

Tabela 1. Variação dos comprimentos e perímetro em metro(m) dos compartimentos do curral de peixe na costa de Pernambuco.

Compartimento	Comprimento (m)	Perímetro (m)
Espiã (A)	70 - 150	
Sala (B)	6 - 10	40 - 60
Chiqueiro (C)	5 - 7	14 - 20
Chiqueiro de matar (D)	3 - 5	9 - 12

Segundo Piorski (2009), em São Luis do Maranhão são encontrados dois tipos de construções de curral; “boca para riba” e “atravessado” (figura 4). O tipo “boca para riba” (A) é constituído por duas espias e apenas um chiqueiro, as espias ficam apontadas para o sentido da maré vazante. O curral tipo “atravessado” (B) assemelha-se um pouco com os formatos de currais registrados em Pernambuco, é composto de uma espiã, sala, salinha e chiqueiro. A espiã é construída no sentido transversal da correnteza. Os currais encontrados no Maranhão e em Pernambuco,



mesmo tendo alguns materiais e formas diferentes as armadilhas se baseiam no mesmo princípio de funcionamento.

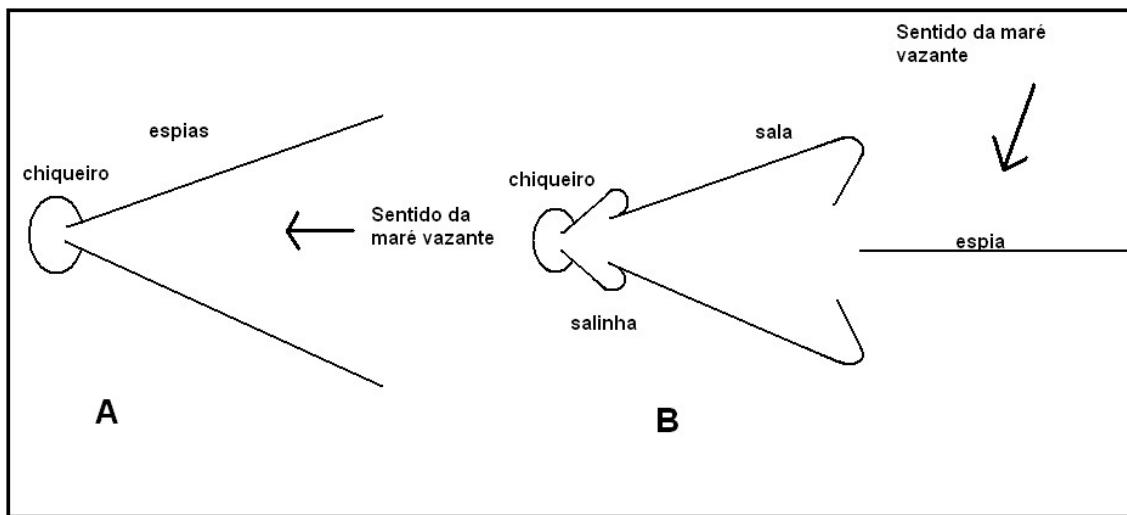


Figura 4. Esquema dos tipos de currais estudados na Ilha de São Luís, Maranhão. “Boca pra riba” (A) e “atravessado” (B).

Descrição da Pesca

Dois fatores importantes determinam a faina de pesca em um curral: é na maré cheia onde ocorre à maior probabilidade de captura da armadilha e na maré baixa é realizada a despesca, devido à facilidade de operacionalização da rede dentro do curral. São utilizadas nesta operação embarcações de pequeno porte, com propulsão a vela, a vara ou a motor, com tripulação de dois a três pescadores. A embarcação é atracada dentro da sala com auxílio de cabos. É realizada superficialmente uma primeira avaliação, a fim de se observar a possível existência de animais que ofereçam riscos aos pescadores, como por exemplo, tubarões. São utilizadas máscaras de mergulho que possibilitam uma observação subaquática da ocorrência de pescado no interior dos compartimentos do curral. Em seguida, é desembarcada uma pequena rede com média de 16,5 m² de área e com tamanho médio da malha de 12 mm (nó a nó), para efetuar arrastos até que se consiga recolher todo o pescado aprisionado no interior do curral. A produção é acondicionada a bordo das embarcações sem nenhum tipo de beneficiamento. Em seguida, após a realização da despesca, os pescadores aproveitam para inspecionar o curral e fazer alguns possíveis reparos. Geralmente a produção é vendida na própria colônia de pescadores da comunidade. Devido às condições climáticas adversas do inverno, a temporada de pesca corresponde aos meses de setembro até maio.

Construção e Manutenção

As madeiras mais utilizadas para a construção dos currais são as de mangue (*Rhizophora mangle*) e imbiriba (*Eschweiera ovata*). Mas todo tipo de madeira que apresenta dimensões e características que convenham ao uso na atividade é aproveitada.



Para a escolha da área de implantação de um curral é necessário que sejam avaliados alguns requisitos básicos, como por exemplo; profundidade média, declividade do solo, tipo de fundo e condições do mar. Com a escolha da área definida é identificado o sentido da correnteza, com a finalidade de construir a espia transversalmente em relação à corrente da água, aproveitando assim, os movimentos das marés e aumentando a ocorrência do encontro dos peixes com a espia. Os pescadores aproveitam a profundidade e a passividade da baixa-mar para facilitar tanto a construção quanto a manutenção dos currais.

Geralmente, um pequeno contingente de pescadores sabe identificar a localização ideal para fixação de um curral, necessita-se de experiência para visualizar o maior fluxo da corrente na maré vazante. Muitos utilizam as folhas dos mangues como indicadores de sentido das correntes.

Os currais são construídos na costa pernambucana nos seguintes tipos de solo; areia, rochas, lama, cascalho, recifes de arenito e corais. Para cravar os mourões ao solo é utilizado o jacumã, uma estrutura de madeira que serve de plataforma onde o pescador se estabiliza e com auxílio do malho, uma marreta de aproximadamente 15 quilos, fixam os mourões no solo (figura 5), os mourões são cravados a uma profundidade entre 1 e 1,5 m no solo. São utilizados em média 250 a 300 mourões em um curral.



Figura 5. O malho é uma marreta utilizada para cravar os mourões (esquerda). O jacumã é uma estrutura de madeira que estabilizar os pescadores para bater os mourões (direita).
Fonte: Arley Pereira.

As varas são unidas às telas com uma distância média de 50 cm uma da outra, ainda em terra. As telas já armadas com as varas são transportadas até os mourões, já fixados ao solo, para serem conectadas (figura 6). Toda a conexão dos diferentes componentes de um curral é feita, geralmente, por cabos de poliamida ou polipropileno. São utilizadas em média para cada curral 250 a 1000 varas.



Figura 6. Pescador conectando as varas à tela. Município de Goiana, Pernambuco.

O tamanho da malha varia dependendo do compartimento. Na espias e na sala o tamanho da malha é maior, está entre 50 mm a 80 mm (nó a nó). Nos chiqueiros as malhas variam de 30 mm até 70 mm (nó a nó).

Foram constatados dois modelos de construção da espias. As mais antigas erguidas por mourões revestidos por varas. O modelo mais recente os mourões são recobertos apenas com tela, esse modelo se mostra mais eficaz, entretanto, necessita de maior investimento financeiro.

Após a temporada da pesca as varas juntamente com as telas são retiradas deixando no local apenas os mourões. É feita a reposição de mourões e varas que foram danificados. Os que serão reaproveitados, são realizadas raspagens para a retirada das cracas, nas telas é feita a limpeza, secagem ao sol e ocasionais reparos.

Não existe qualquer tipo de legislação vigente no estado de Pernambuco a respeito da pesca com curral. Fica por competência da Marinha do Brasil avaliar a execução de obras sob, sobre e às margens das águas judicialmente brasileiras e emitir parecer no que dizer respeito ao ordenamento do espaço aquaviário e à segurança da navegação, sem prejuízo das obrigações do interessado perante os demais órgãos responsáveis pelo controle da atividade em questão (NORMAM 11, cap. 1).

A maior dificuldade identificada atualmente desta tradicional modalidade de pesca é no âmbito ambiental. Esta atividade exige um grande aporte de madeira para a construção e manutenção dos currais e culturalmente, essa matéria prima é retirada das matas e principalmente de manguezais circunvizinhos a estas comunidades, colocando muitas vezes estes trabalhadores do mar na contravenção, uma vez que essas regiões são consideradas Áreas de Preservação Permanente, protegida pela Lei 9.605/98 (Lei de Crimes Ambientais), aumentando consideravelmente os custos, tanto na implantação, quanto na manutenção das armadilhas, comprometendo a viabilidade econômica da atividade no Estado. A ausência de uma legislação e uma gestão eficiente impossibilita testar alguns

materiais alternativos com propósito de substituir o uso da madeira, materiais como, cano de PVC, concreto, plástico reciclável, até mesmo currais confeccionados com rede, cabos, bóias e poitas, que tornaria essa atividade ecologicamente mais sustentável e financeiramente mais interessante.

Agradecimentos

À CEPENE/IBAMA pela confiança na concessão dos dados que fizeram parte das análises do presente estudo, contribuindo assim para o desenvolvimento da pesca artesanal no estado de Pernambuco.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, R. A. P. (2000). Caracterização das zonas estuarinas de Pernambuco. In: Seminário Internacional Perspectivas e Implicações da Carcinocultura Estuarina no estado de Pernambuco. Recife. Projeto Prorenda. 172p.
- BRASIL, Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 fevereiro de 1998.
- DIEGUES, A. C. (1989). Pesca Artesanal: tradição e Modernidade. In: encontro de ciências sociais e o mar 3. (332 p). São Paulo. Coletânea de trabalhos apresentados ao Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e Fundação Ford. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9605.htm>
- FILHO, A. A. F. (2001). Produção de pescado e relações interespecíficas na biocenose capturada por currais de pesca, no estado do Ceará. Boletim Técnico Científico. CEPNOR, Belém, v.1, n.1, p.111 a 124.
- Grupo de apoio à pesca (GAP). Investimentos com Desenvolvimento, relatório final. Recife, GAP, 1998.
- IBAMA, 1993 – 2007. Boletim estatístico da pesca marítima do estado de Pernambuco. Tamandaré – PE: Ministério do meio ambiente; Centro de pesquisa e extensão pesqueira do Nordeste- CEPENE.
- IBAMA, 1995-2001. Boletim estatístico da pesca marítima do estado de Pernambuco. Tamandaré – PE: Ministério do meio ambiente; Centro de pesquisa e extensão pesqueira do Nordeste- CEPENE.
- ISAAC, V. J., MARTINS, A. S., HAIMOVICI, M. & ANDRIGUETTO FILHO, J. M. (2006). Pesca marinha e estuarina do Brasil no início do século XXI: recursos, tecnologias, aspectos socioeconômicos e institucionais. Belém: Editora Belém. Universidade Federal do Pará – UPPA. 188p.
- NORMAM 11, MARINHA DO BRASIL, Portaria nº 109/dpc, de 16 de dezembro de 2003
https://www.dpc.mar.mil.br/normam/N_11/N_11.htm

PIORSKI, N. M.; SERPA, S. S. & NUNES, J. L. S. (2009). Análise comparativa da pesca de curral na ilha de São Luís, estado do Maranhão, Brasil. Arquivo de Ciências do Mar. Fortaleza, v.42, n. 1, p. 65-71, 2009.
<https://doi.org/10.32360/acmar.v42i1.6040>

RAMALHO, C. W. N. (2006). “Ah, esses trabalhadores do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucano. Campinas, SP. Editora Polis. CERES, 113p.

SILVA, L. G. (2001). A faina, festa e o rito: uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sec. XII ao XIX). Campinas, SP: Editora Papirus. 103p.